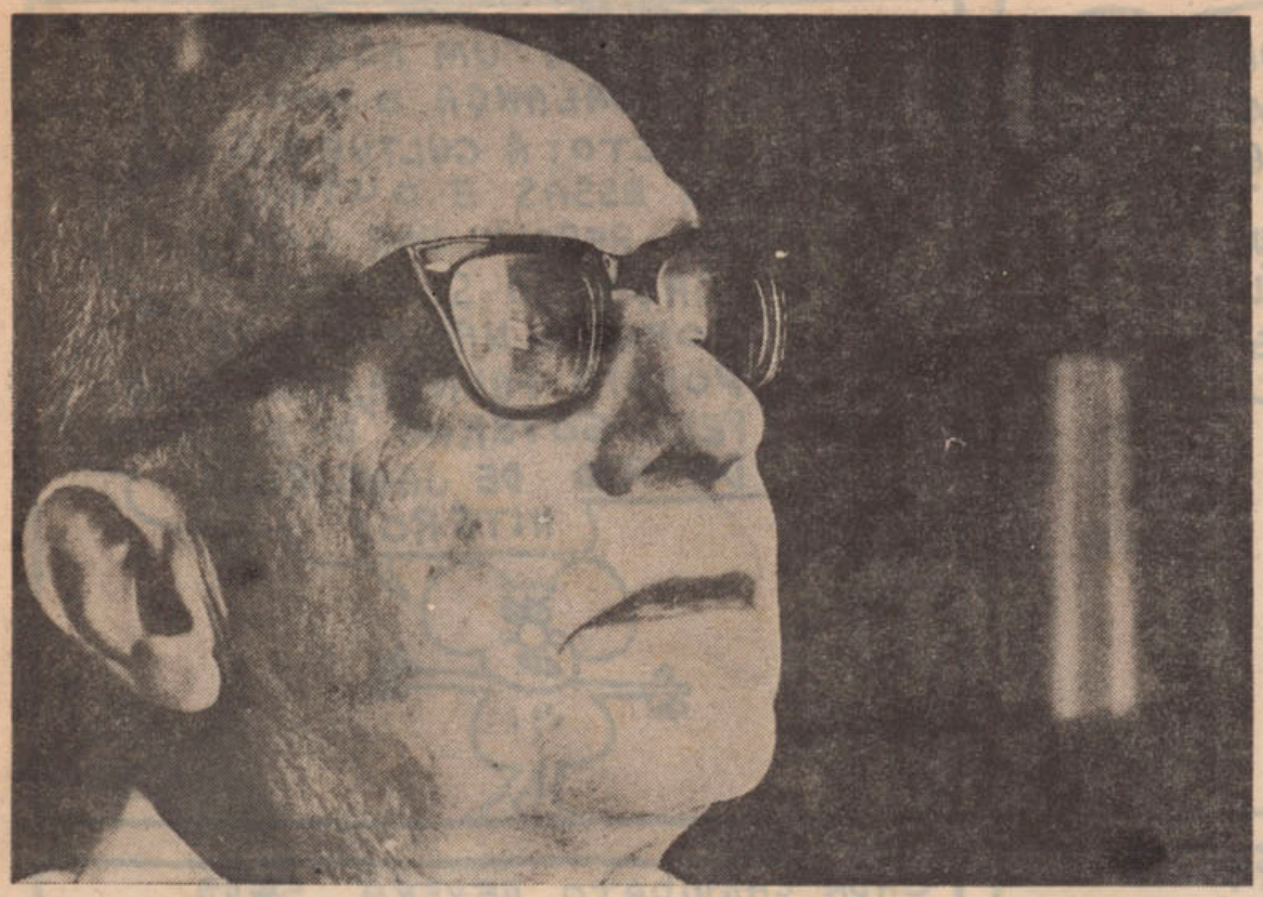

UMA AULA DO DOUTOR ALCEU

O PASQUIM

Rio, 18 a 20 e poucos de setembro de 1969 — N.º 13 — NCr$ 0,50 — Um jornal válido, lúcido e autêntico — argh! — que se insere no contexto.

Chico, Tom e Nara estão batendo papo em Roma

VIVA CHICO

Brasileiros em Roma

O jornalista Araújo Netto garante que é Roma a cidade mais bonita do Brasil. Não sei não, será? Vejo Rio, Bahia, Ouro Prêto e não encontro têrmos de comparação. Vamos lá que seja Roma a cidade brasileira onde se ouve o melhor samba de rua, exceção feita ao carnaval carioca. Em nenhum outro lugar, em nenhum outro agôsto você pode assistir a um bom sambinha grátis como o que Toquinho, ao violão, e Glauber Rocha, à caixinha de fósforos, balançaram na Piazza Santa Maria in Trastevere. Juntou tanta gente que a polícia interveio, desconfiada de maconhas e mulheres nuas que ali não havia. E a cantoria seguiu até o dia seguinte.

Por outro lado, pelos Alpes, vinha chegando Antônio Carlos Jobim. Mais descia no mapa e mais o desnorteava a familiaridade crescente, na paisagem, nos homens. O trem fazendo mais barulho, o calor, o milho vadio invadindo os trilhos, a gravata arreada do cobrador de passaportes, a senhora gorda ocupando o lugar errado, enfim Roma, o chofer de táxi falastrão, a minha casa, a feijoada e uma batida de limão. Espiando pela janela, Tom olhou bem o capinzal do terreno baldio e disse:

— Pois é, Chiquinho, e eu certo que você tinha deixado o Brasil.

— Que nada, Antônio, continuo por aqui.

Vamos jantar no Moro, sede da melhor e mais legítima cozinha romana. Não é restaurante para turistas, lógico. Só tem brasileiro. Entre outras vantagens, no Moro você pode pendurar a conta no cabide aí em frente.

— Que bom que você veio, diz Odette Lara e Tom Jobim. Assim eu aproveito e faço a entrevista que O PASQUIM me pediu.

— Como?

— Sou correspondente d'O PASQUIM em Roma, diz Odette.

Muito ofendido, êste repórter vai protestar mas é interrompido. Juca Chaves, que está noutra mesa com Maristella Denner, mete o nariz na conversa:

— Diga a O PASQUIM que eu não disse nada do que disse contra êles.

— O Carlinhos de Oliveira é que está do contra, diz uma terceira mesa lendo o *Jornal do Brasil*.

Aí tôdas as mesas começam a falar ao mesmo tempo, na maior animação. Só quem parece triste é o Grande Otelo, por causa de seu enorme sucesso em Veneza:

— Estou com 54 anos, que vantagem...

— O poeta é um ressentido, diz Tom Jobim. Não gosto de entrevista porque vivo citando o Drummond, e cito certinho, depois vem aquêle *copy-desk* e resolve corrigir. Então fica feio, sabe como é, e o Drummond vai acabar com raiva de eu ficar errando os versos dêle por aí.

Carlos Leonam aparece na porta e pergunta por Hugo Carvana, mas êste já se mandou na Ponte Aérea para o Rio.

— Senta aí que êle não deve demorar.

Cacá Diegues está muito satisfeito com a acolhida de *Os Herdeiros* no recente festival de cinema:

— É, mas preciso vender o filme em Paris. Aqui é difícil, o mercado é limitado.

Nara Leão acompanha o marido na viagem e na satisfação:

— O filme foi muito bem recebido. Pena ter caído no mesmo dia do Fellini. O Fellini fêz a maior onda, mil promoções, essas coisas de brasileiro.

Brasileiros continuam entrando e saindo pelo ladrão.

— Oi, bicho. Oi, meu querido. Como vai essa fôrça? É genial! Aquêle abraço.

Caio Mourão distribui amuletos às senhoras e explica:

— São chifres. Ponho os chifres de môlho até amarelar e assim êles ficam com cara de chifre velho.

Conversa vai, conversa vem, o tempo passa e fecha o restaurante. Lá fora bate o primeiro ventinho frio e o grupo vai-se dissolvendo. Amanhã vai esfriar de verdade. A gente vai usar sapatão pesado, paletó pesado, sobretudo, luva de lã. Ninguém vai falar português, muito menos cantar samba na praça. É claro, que bobagem, o Brasil fica longe pra burro, cada vez mais longe.

— Vamos tomar a última no bar que fecha tarde?

— Que nada, bicho, deixa eu puxar um ronco que não sou leão.

CHICO BUARQUE DE HOLANDA